

Do genocídio nazista à escalada contrarrevolucionária da guerra fria: o Bloco Anti-Bolchevique de Nações (ABN) e a Liga Mundial Anticomunista (WACL)

Rodolfo Costa Machado¹

Resumo:

Partindo da contrarrevolução nazifascista da década de 1920, o artigo sistematiza a formação do Bloco Anti-Bolchevique de Nações (ABN) por meio de seus principais líderes e organizações ultranacionalistas de extrema-direita, especialmente os grupos anticomunistas do Leste Europeu que, na II Guerra Mundial, perpetraram, em aliança com o estado nazista, verdadeiro crime de genocídio contra dissidentes políticos, etnias e populações civis. São abordados Yaroslav Stetsko e sua Organização de Nacionalistas Ucrânicos (OUN/B), a milícia *ustashi* e o *poglavnik* Ante Pavelic (respectivamente, a “SS” e o *Führer* croatas), bem como os católicos “fascistas” da Guarda de Ferro romena. O ABN, fundado entre 1943-6 com auxílio dos estados estadunidense, britânico e alemão ocidental, interessados nas operações encobertas antissoviéticas, ajudou a criar, em 1966, a Liga Mundial Anticomunista (WACL), ao lado de seu eixo fundador oriental, a Liga Anticomunista dos Povos Asiáticos (APACL), sobressaindo a conexão repressiva Stetsko-Chiang Kai-shek. “Esquentando” a *détente* da guerra fria, situa-se a WACL como veículo de globalização efetiva da contrarrevolução anticomunista. Em alguns de seus “capítulos” nacionais, destaca-se a presença do ABN, particularmente no estadunidense e, via Confederação Anticomunista Latinoamericana (CAL), naqueles auxiliados pelas respectivas ditaduras militares (que atuaram conjuntamente com tais organizações transnacionais anticomunistas no Plano Condor), quais sejam, o capítulo paraguaio e o brasileiro.

Palavras-chave: anticomunismo; Bloco Anti-Bolchevique de Nações (ABN); Liga Mundial Anticomunista (WACL).

From Nazi genocide to the cold war counter-revolutionary upsurge: the Anti-Bolshevik Bloc of Nations (ABN) and the World Anti-Communist League (WACL)

Abstract:

From Nazi-fascism counter-revolution in the 1920's, this article systemizes the formation of the Anti- Bolshevik Bloc of Nations (ABN) through its main ultranationalists leaders and organizations, specially the anti-communists groups of Eastern Europe which have perpetrated in the Second World War,

¹ Mestre e doutorando em história pela PUC-SP.

in alliance with Nazi state, the crime of genocide against political dissidents, ethnic groups and civil populations. This article approaches Yaroslav Stetsko and his Organization of Ukrainian Nationalists (OUN/B), the Ustasha militia and its poglavnik Ante Pavelic (respectively, the Croatian “SS” and Führer), and the catholic “fascism” of Romanian Iron Guard. ABN was established in 1943-6, with the assistance of North American, British and Western German governments, interested in covert anti-Soviet operations. These organizations helped to create, in 1966, the World Anti-communist League (WACL), with its oriental founder axis, the Asian People Anti-communist League (APACL), highlighting the repressive connection Stetsko-Chiang Kai-shek. Warming up the beginning of the Cold War decade of Détente, this article contextualizes WACL as an effective vehicle of globalization of anti-communist counter-revolution. In some of its national “chapters”, the ABN’s presence is highlighted, particularly, in the North America “chapter” and, through the Latin American Anti-communist Confederation (CAL), also in those helped by its military dictatorships (that have cooperated with these transnational anti-communists organizations in the Condor Plan), among others, the Paraguayan and Brazilian “chapters” of WACL.

Key words: Anti-communism; Anti-Bolshevik Bloc of Nations (ABN); World Anti-communist League (WACL).

Ainda é fecundo o ventre de onde surgiu a besta imunda.
Bertolt Brecht, sobre o nazismo

*Também a “cruzada” contra o comunismo, contra o marxismo-leninismo,
é uma velha herança da ideologia burguesa convertida em reacionária.*
Georg Lukács

Contrarrevolução nazifascista e o Bloco Anti-Bolchevique de Nações (ABN)² do Leste Europeu

De início, cumpre observar que os elementos que viriam a compor o Bloco Anti-Bolchevique de Nações (ABN), historicamente, eram “croatas, eslovacos, ucranianos, letões”, entre outras etnias “que perpetraram os massacres ditados pelos alemães, que nunca enfrentaram um [tribunal de] Nuremberg, e que integraram a Liga Mundial Anticomunista (WACL)” (ANDERSON; ANDERSON, 1986, p. 12). Na maior investigação histórica

² Foi respeitada a hifenização da grafia original dos nomes próprios. [NE]

feita sobre o tema – que hoje se está nomeando, em certo campo historiográfico, como o fenômeno do anticomunismo transnacional na guerra fria –, o livro dos irmãos Scott e Jon Lee Anderson *Inside the League*, pioneiramente, assevera que “a participação desses europeus do Leste no Holocausto permanece uma das histórias menos contadas na história moderna” (ANDERSON; ANDERSON, 1986, p. 12). Cabe indagar, como fizeram os irmãos Anderson, sobre a razão dessa omissão, digamos assim, historiográfica.

Qual seria o móvel social dessa ideologia do apagamento (revisonismo/negacionismo) da história concreta dos grupos do Leste Europeu que se aliaram aos nazistas nos genocídios da II Guerra Mundial? A explicação é bastante simples, asseveram os especialistas: “muitos deles foram recrutados pela inteligência norte-americana e britânica, levados aos Estados Unidos e Canadá, permitindo-se que galgassem posições proeminentes em suas comunidades de emigrados e, finalmente, revisassem a história” (ANDERSON; ANDERSON, 1986, p. 12).

Comparado aos casos mais conhecidos dos criminosos de guerra Josef Mengele, Adolf Eichmann e Klaus Barbie, essa nova espécie de ultranacionalismo aliado aos nazistas – caracterizados como “fascistas” genericamente –, em verdade, para os irmãos Anderson, configurou “um terceiro tipo de nazistas”. Constituiu, por seu turno, um grupo “muito mais poderoso, público e perigoso do que os outros dois” (ANDERSON; ANDERSON, 1986, p. 12).

Em 2017, conta-se o centenário da Revolução Russa de 1917, intento revolucionário anticapitalista e antiestatal que, por insuficiências várias, não transitou para formas de sociabilidade para além da regência do capital, do estado e do direito, sustentando “uma relação social de produção em que o trabalho acumulado continua a reiterar e a dominar o trabalho assalariado” (CHASIN, 1983, p. 27). O pseudossocialismo de acumulação soviético, pois, manteve uma “gestão/apropriação” *coletiva/não-social* [que] tem por corpo um complexo dispositivo *partidário/estatal/administrativo*, que *funcionalmente* mantém e reitera nesta formação pós-capitalista a *regência do capital*” (CHASIN, 1983, p. 25).

Essa discussão³, todavia, não será objeto deste artigo. Procura-se, apenas, esboçar a atuação histórica de certos grupos anticomunistas que se opuseram à União Soviética. Eles acreditavam que ali o comunismo, de fato, ter-se-ia entificado, o que, se não ocorreu realmente, mobilizou e articulou as “direitas” e as burguesias na contrarrevolução global anticomunista que

³ Desdobrando as contribuições de J. Chasin, relacionando-as aos aportes de István Mészáros, cf. Rezende (2015).

caracterizou o século XX depois da Revolução Russa de 1917 e, especialmente, após a II Guerra.

Genocídios na II Guerra Mundial: anticomunismo e ultranacionalismo no Leste Europeu

Compondo o fenômeno contrarrevolucionário do anticomunismo transnacional durante e depois da II Guerra, busca-se circunscrever, historicamente, o maior complexo organizacional que se opôs à União Soviética, de modo permanente, qual seja: o ABN, grupo fundado entre 1943-6 e responsável por ações antissoviéticas encobertas e públicas. Posteriormente, este artigo situará tal organização anticomunista transnacional, ao lado da sua correlata oriental – a Liga Anticomunista dos Povos Asiáticos (APACL) –, como um dos eixos fundadores da Liga Mundial Anticomunista (WACL) em 1966. Depois, serão somente tracejadas as relações da WACL, via sua congênere regional designada pela sigla CAL (Confederación Anticomunista Latinoamericana), com seus “capítulos” nacionais sob a guerra fria, delimitando-se brevemente as conexões repressivas dos mencionados grupos étnicos ultranacionalistas nos Estados Unidos, Paraguai e Brasil.

Na direção indicada, é forçoso contextualizar socialmente as origens do ABN e seus principais grupos étnicos do Leste Europeu, bem como a aliança anticomunista que estabeleceram com o fascismo italiano e o nazismo alemão, interessando-nos basicamente os ultranacionalistas ucranianos, croatas e romenos “nazifascistas” (assim mesmo, sempre entre aspas). A história desses grupos étnicos terroristas que comporiam tal organização antibolchevique, em um primeiro momento, precisa ser considerada a partir do contexto pós-I Guerra Mundial (1914-8). “A queda dos três impérios multinacionais da Áustria-Hungria, Rússia e Turquia substituiu três estados supranacionais, cujos governos eram neutros entre as numerosas nacionalidades que governavam, por um número maior ainda de estados multinacionais, cada um identificado com *um*, no máximo duas ou três, das comunidades étnicas dentro de suas fronteiras” (HOBSBAWM, 1995, p. 141).

Do lado bolchevique pós-Revolução Russa de 1917, a União Soviética ocupou, por acordo, as áreas europeias do império tsarista perdidas em 1918. Do lado estadunidense, os 14 Pontos do presidente W. Wilson “jogavam a carta nacionalista contra o apelo internacional de Lênin. Uma zona de pequenos *estados-nação* formaria uma espécie de cinturão de quarentena contra o vírus vermelho” (HOBSBAWM, 1995, p. 73). Entre agosto de 1918 e janeiro de 1920, 7.000 marinheiros estadunidenses desembarcaram em Vladivostok, na Rússia, como parte de uma força de

ocupação aliada que tinha por objetivo forçar o recuo da Revolução Bolchevique de 1917, no marco das ações contrarrevolucionárias do chamado Exército Branco. Em setembro de 1918, 5.000 soldados estadunidenses se uniram à força de intervenção aliada em Arcangel. “As forças armadas estadunidenses sofreram uma baixa de 500 homens. Eles saíram em junho de 1919, encerrando, assim, as tentativas estadunidenses de recuo militar direto contra a Revolução Russa.” (BODENHEIMER; GOULD, 1989, p. 24)

A partir da década de 1920, com a ascensão do nazifascismo, os referidos grupos étnicos ucranianos, croatas e romenos, entre outros, colaboraram com o Eixo na mobilização de guerra e nos massacres contra judeus, comunistas, ciganos, maçons, sérvios, russos etc., integrando o “movimento contrarrevolucionário e portanto ultranacionalista e imperialista” (HOBSBAWM, 1995, p. 44), o que significava, historicamente, “uma ameaça ideológica à civilização liberal como tal, e um movimento potencialmente mundial, para o qual o rótulo ‘fascismo’ é ao mesmo tempo insuficiente mas não inteiramente irrelevante” (HOBSBAWM, 1995, p. 116).

“O fascismo, primeiro em sua forma original italiana, depois na forma alemã do nacional-socialismo, inspirou outras forças antiliberais, apoiou-as e deu à direita internacional um senso de confiança histórica: na década de 1930, parecia a onda do futuro.” (HOBSBAWM, 1995, p. 116) Embora o nazifascismo compartilhasse “nacionalismo, anticomunismo, antiliberalismo etc. com outros elementos não fascistas da direita” (HOBSBAWM, 1995, p. 121), existiram caracteres específicos que o distinguíam da ultradireita tradicional, em regra, católica. Os movimentos nazifascistas – o italiano e o alemão na ponta de lança do imperialismo – “não apelavam aos guardiães históricos da ordem conservadora, a Igreja e o rei, mas ao contrário buscavam complementá-los com um princípio de liderança inteiramente não tradicional”, configurando o setor mais agressivo da contrarrevolução anticomunista (HOBSBAWM, 1995, p. 121).

Desse modo, da década de 1920 em diante, a contrarrevolução nazifascista, em escalada ascensional, ensejou “as condições ideais para o triunfo da ultradireita alucinada” (HOBSBAWM, 1995, p. 130). Os grupos étnico-políticos que compuseram essa ultradireita alucinada, e que mais de perto interessam a este artigo, são (i) os ucranianos, organizados por Yaroslav Stetsko, contando com a Organização de Nacionalistas Ucranianos (OUN) e o Exército Nacional Ucraniano (UPA); (ii) os croatas, representados pelo *poglavnik (Führer)* Ante Pavelic e sua milícia, a *Ustashi*; e (iii) os romenos da Guarda de Ferro, chamados católicos “fascistas”.

Yaroslav Stetsko e a Organização de Nacionalistas Ucrânicos (OUN/B)

Entre os ultranacionalistas ucranianos que colaboraram com os nazistas na II Guerra, Yaroslav Stetsko destacou-se como chefe de uma organização de exilados do Leste Europeu chamada ABN, fundada com ajuda do governo estadunidense e da Europa Ocidental.

O Bloco Anti-Bolchevique de Nações (ABN) foi um dos eixos fundadores, ao lado da Liga Anticomunista dos Povos Asiáticos (APACL), da Liga Mundial Anticomunista (WACL), em meados da década de 1960. Na guerra fria, unindo a contrarrevolução global, Stetsko conectou-se com o anticomunismo do governo de Taiwan e de seu generalíssimo Chiang Kai-shek – inimigos de Mao Tsé-tung derrotados pela Revolução Chinesa de 1949. Depois, o ucraniano se faria representar nas conferências da Liga por meio de sua mulher, Slava Stetsko, a futura presidente do ABN. Stetsko percorreria, após a II Guerra, os altos ciclos anticomunistas internacionais, chegando ao ponto de nutrir relacionamento com a gestão Ronald Reagan na Casa Branca, com direito a visita ao presidente estadunidense em 1983.

Ultraconservador longevo, Stetsko esteve inserido no pós-Guerra “em círculos anticomunistas pelo mundo” e, conforme infelizmente se reitera em trabalhos sobre o tema, construiu-se uma falsa imagem do ucraniano como um “sobrevivente dos campos de concentração nazista” (cf. SOSENKO, 2014).

Na trilha revisionista/negacionista, segundo criticaram os irmãos Anderson, “de acordo com sua biografia oficial, durante a II Guerra, ele lutou igualmente contra soviéticos e alemães em sua luta pela independência da Ucrânia” (ANDERSON; ANDERSON, 1986, p. 21). O revisionista/negacionista Sosenko, que respalda a versão oficial de Stetsko, afirma que foram “os propagandistas soviéticos [que] frequentemente rotularam de fascistas os membros do Bloco Anti-Bolchevique de Nações” (SOSENKO, 2014, p. 38). Nesses casos, avulta a importância, sumariada por Marx⁴, de defender o estatuto científico da história na decifração da mundanidade presente e passada, em sua unidade contraditória que não admite relativismos. Nesse passo, o historiador Eric Hobsbawm já respondeu adequadamente aos revisionistas/negacionistas do Holocausto e a suas linhas de defesa pós-moderna⁵.

4 “Conhecemos uma única ciência, a ciência da história.” (MARX; ENGELS, 2009, p. 86)

5 “Nas últimas décadas, tornou-se moda (...) negar que a realidade objetiva seja acessível, uma vez que o que chamamos de ‘fatos’ apenas existem como uma função de conceitos e problemas prévios formulados em termos dos mesmos. O passado que estudamos é só um constructo de nossas mentes. Esse constructo é, em princípio, tão válido quanto outro, quer possa ser apoiado pela lógica e por evidências, quer não. (...) Em resumo, acredito que sem a distinção entre o que é e o que não é assim, não pode haver história. (...) Na verdade,

A verdade histórica é diferente daquilo que Sosenko sustenta – um Stetsko anticomunista e antinazista. Stetsko foi comprovadamente um “colaborador nazista” (ANDERSON; ANDERSON, 1986, p. 21).

Depois de preso por “dois anos em uma prisão polonesa por seu papel no assassinato de representantes do governo polonês, enquanto líder do braço da Galícia da Organização de Nacionalistas Ucrânicos (OUN)”, “os nazistas viram os ucranianos como aliados potencialmente importantes” (ANDERSON; ANDERSON, 1986, pp. 21; 22). “Sua ideologia – racismo fanático contra russos e poloneses étnicos e ódio virulento dos judeus – combinou-se perfeitamente com a ideologia dos alemães.” (ANDERSON; ANDERSON, 1986, p. 22)

“Stetsko era a força diretiva por trás da criação de uma nova Organização de Nacionalistas Ucrânicos, a OUN/B conduzida por Stefan Bandera”, cujos *Nightingale*⁶ – seguidores de Bandera e Stetsko – foram incumbidos da “missão de levar a cabo sabotagem e guerra de guerrilha contra a União Soviética” (ANDERSON; ANDERSON, 1986, p. 22).

Auxiliando os nazistas na Operação Barbarossa, plano de invasão da União Soviética, “os nazistas organizaram seus auxiliares ucranianos em regimentos”, operando a OUN/B, ainda, como a polícia secreta encarregada por seus aliados nazistas da “purga de judeus, russos nativos e membros do Partido Comunista” (ANDERSON; ANDERSON, 1986, p. 22). Esses ucranianos estiveram envolvidos na detenção dos judeus poloneses, destacando os irmãos Anderson que a SS empregava essas unidades ucranianas “em operações-limpeza dos guetos” (ANDERSON; ANDERSON, 1986, p. 25).

Foi, porém, em Lviv, na Ucrânia, em 1941, adentrando a cidade com as tropas nazistas, que a OUN/B, organizada por Stetsko, massacrou dissidentes políticos e etnias sociais. Anunciou-se, então, a criação do estado ucraniano independente, automeando-se Stetsko seu primeiro-ministro. “Os *pogroms*, codinome ‘Operação Petlura’, começaram imediatamente com a chegada de Stetsko em Lviv. Judeus, intelectuais, russos proeminentes, membros do Partido Comunista – qualquer um suspeito de se opor à ‘Nova Ordem’ – foi arrebanhado e executado nessas operações conjuntas dos nazistas e dos nacionalistas ucranianos” (ANDERSON; ANDERSON, 1986, p. 23). Exatamente dois dias depois que Stetsko chegou em Lviv e assumiu o poder na Ucrânia como primeiro-

poucos relativistas estão à altura plena de suas convicções, pelo menos quando se trata de responder, por exemplo, se o Holocausto de Hitler aconteceu ou não. Porém, seja como for, o relativismo não fará na história nada além do que faz nos tribunais. (...) São os advogados dos culpados que recorrem a linhas pós-modernas de defesa.” (HOBSBAWM, 1998, p. 8)

⁶ “Theodore Oberlander, o comandante alemão da *Nightingale* ucraniana, prosseguiu sua parceria com Yaroslav Stetsko por meio da Liga Mundial Anticomunista”, tornando-se, ainda, membro do *Bundestag* (ANDERSON; ANDERSON, 1986, p. 44).

ministro, mil membros da *intelligentsia* judaica foram conduzidos coletivamente e entregues para as forças policiais de segurança.

Enquanto Stetsko esteve no comando da cidade de Lviv, “estimadamente sete mil dissidentes, em sua maioria judeus, foram assassinados e dezenas de milhares foram exterminados nas imediações rurais por unidades saqueadoras da OUN/B” (ANDERSON; ANDERSON, 1986, p. 24).

“Toda a população de judeus de Lviv – cerca de cem mil – e mais um milhão de judeus da grande Ucrânia seriam aniquilados pelos nazistas e seus colaboradores, a polícia auxiliar ucraniana.” (ANDERSON; ANDERSON, 1986, p. 24) Esses ucranianos foram aproveitados pelos nazistas “principalmente para o trabalho sujo” – “atirar em crianças”, por exemplo –, assomando aos olhos a barbárie desses ultranacionalistas chefiados por Stetsko e Bandera nos crimes de genocídio da II Guerra. “Depois da recusa em rescindir a proclamação [da independência do estado ucraniano], [Stetsko e Bandera] foram alocados em Sachsenhausen, embora se mantendo como aliados nazistas dignos de confiança” (ANDERSON; ANDERSON, 1986, p. 24).

Esses ultranacionalistas ucranianos constituíram arsenal de reserva antissoviético à disposição dos nazistas. Mas outros países, além da Alemanha nazista em guerra, também se interessaram pelo potencial antissoviético desses líderes anticomunistas ucranianos e suas organizações terroristas. Documentos dos campos de pessoas deslocadas, administrados pelos ingleses e norte-americanos, mostram que os ucranianos do grupo de Stetsko e Bandera receberam ajuda dos serviços de inteligência da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos. Apesar de serem os responsáveis pelo mencionado genocídio na Ucrânia, em 1941, no pós-Guerra a OUN/B surgiria como representante dos ucranianos exilados. Mas foi apenas “enquanto resultado dessas purgas” que “a OUN emergiu como a ‘voz’ dos ucranianos emigrados” (ANDERSON; ANDERSON, 1986, p. 34).

Anticomunista e ultranacionalista, aliada “digna de confiança” dos nazistas, “a OUN/B lutou pela independência da Ucrânia, atacando unidades do Exército Vermelho e lançando também purgas frequentes contra outros grupos *partisans* suspeitos de simpatia para com os comunistas ou russos” (ANDERSON; ANDERSON, 1986, p. 24). Isso não impediu (ao contrário, incentivou) o auxílio estadunidense e britânico dado na cobertura da fuga desses ucranianos genocidas e criminosos de guerra. Assim, “a OUN/B e as forças Bandera-Stetsko tiveram ajuda de seus capturadores britânicos e estadunidenses, que recrutaram centenas de seus membros para conduzir atividades de espionagem contra a União Soviética” (ANDERSON; ANDERSON, 1986, p. 34). Entre eles, contava-se “um bom

número de colaboradores nazistas e procurados por crimes de guerra” (ANDERSON; ANDERSON, 1986, p. 34).

Desse modo, entre “colaboradores nazistas do Leste Europeu”, a OUN/B, financiada pelos “fundos do governo norte-americano”, constituiu “uma federação anticomunista regional, o Bloco Anti-Bolchevique de Nações (ABN), que também recebeu financiamento da Grã-Bretanha e assistência ‘substancial’ do governo da Alemanha Ocidental no pós-guerra” (ANDERSON; ANDERSON, 1986, p. 35). Com esses benfeitores – Estados Unidos, Grã-Bretanha e Alemanha Ocidental –, a organização do ABN, em seu escopo, profundidade e influência, configurou “a maior e mais importante organização guarda-chuva para colaboradores nazistas em todo o mundo”. O ABN se assemelhou a uma “ex-Internacional Nazista”, comandada por Yaroslav Stetsko (ANDERSON; ANDERSON, 1986, p. 35).

Os “capítulos” do ABN, chefiados por Stetsko, historicamente representaram a luta pelas independências nacionais contra o soviétismo no Leste europeu, engrossando suas fileiras com membros oriundos tanto das “repúblicas soviéticas como também de todos países da Europa do Leste sob controle soviético”. O ABN e seus capítulos regionais, a ex-Internacional Nazista reativada, sumariaram em suas origens e lideranças um verdadeiro “*Quem é quem* entre aqueles responsáveis pelo massacre de milhões de civis na mais sangrenta guerra da história” (ANDERSON; ANDERSON, 1986, p. 35).

Entre os diversos grupos anticomunistas que surgiram sob a esfera soviética e que desempenharam um papel importante na Guerra Civil contra os bolcheviques, o ABN contou com o destaque dos ucranianos. “Foram eles que iniciaram a reconquista de sua independência perdida e a sustentaram por apenas poucos meses em 1920.” (ABRAMOVICI, 2014, p. 115) No ABN, “o principal corpo representando seus interesses foi a Organização de Nacionalistas Ucranianos (OUN), um movimento que seria infestado por atividades conspiratórias de vários serviços de segurança em nome da causa antibolchevique” (ABRAMOVICI, 2014, p. 115).

Na invasão nazista de Lviv, “essas forças ucranianas agarraram a oportunidade de declarar um ‘Estado Livre da Ucrânia’ e, ao final de 1943, na floresta de Jytomir (Galícia, na parte ocidental da Ucrânia), esses mesmos nacionalistas ucranianos realizaram o primeiro congresso clandestino do Bloco Anti-Bolchevique de Nações (ABN), criando ao mesmo tempo o Exército Nacional Ucraniano (UPA)”, que ficou incumbido, sob direção da “*Wehrmacht*, de assediar o Exército Vermelho, os *partisans* comunistas e cidadãos judeus (decorrente de suas suspeitas de simpatia com o comunismo)” (ABRAMOVICI, 2014, p. 116).

Com “cerca de 70 mil guerrilheiros”, juntaram-se à UPA “fragmentos de ucranianos da SS, bielorrussos, russos e batalhões cossacos,

como também desertores húngaros, romenos, soviéticos, bálticos e georgianos. Muitos desses elementos anteriormente dispersados do exército alemão acabaram em campos de pessoas deslocadas no Ocidente” (ABRAMOVICI, 2014, p. 116). “Os estadunidenses, britânicos e franceses começaram a se interessar pelo UPA” na medida em que esta “guerra de guerrilha anticomunista, no contexto de muitas forças antissoviéticas que se encontravam ativas em meados da década de 1940”, foi “indubitavelmente a ameaça mais bem organizada e a mais perigosa para o domínio soviético” (ABRAMOVICI, 2014, p. 116).

Se, enfim, o UPA foi subjugado apenas em 1954, sua influência continuaria por meio de atores variados que posteriormente se juntariam à WACL. E, ainda, “por toda década de 1950 a OUN, em combinação com o ABN, empreendeu uma campanha de *lobby* consistente e de alto nível na Alemanha Ocidental, Canadá e Estados Unidos para garantir representação exclusiva entre a comunidade internacional de emigrados antissoviéticos” (ABRAMOVICI, 2014, p. 116). Esse esforço transnacional foi bem-sucedido em 1959, quando o Congresso estadunidense aprovou uma lei “que designou a terceira semana de julho como a data anual da ‘Semana das Nações Cativas’, um reconhecimento altamente visível, pelos Estados Unidos, da continuidade do domínio soviético da Europa central e do Leste” (ABRAMOVICI, 2014, p. 116).

A “SS” croata e seu “Führer”: milícia *ustashi* e Ante Pavelic

No campo croata, destacou-se Ante Pavelic, líder e ideólogo do grupo terrorista chamado *Ustashi* (levante, despertamento), que integrará o ABN. Na II Guerra, quando os nazistas dividiram a Iugoslávia, Ante Pavelic, como o *poglavnik* (ou *Führer*) de uma Croácia independente, “recebeu carta branca para implantar sua política homicida durante um encontro com Hitler em junho de 1941” (GOÑI, 2004, p. 218). O grupo político ultranacionalista *ustashi* de Pavelic estaria representado no ABN a partir de meados da década de 1940, bem como na WACL após 1966.

Já em 1941, com a declaração do Estado Independente da Croácia (*Nezavisna Država Hrvatska, NDH*), Pavelic esforçou-se para impressionar os nazistas, manifestando “seu sentimento pró-alemão”, afirmando que “os croatas tinham origem gótica e haviam sido leais à Alemanha na I Guerra Mundial e assim seria então. O próprio Hitler simpatizou ao menos parcialmente com o estabelecimento de um estado croata amparado na ‘teoria gótica’” (BARTULIN, 2016, p. 248).

As origens desse ultranacionalismo croata devem ser buscadas no desmonte do Império Áustro-Húngaro após a I Grande Guerra, com a

consequente formação do estado nacional multiétnico da Iugoslávia, sob hegemonia sérvia. Inexistia

um único precedente histórico, assim como não havia lógica nas combinações iugoslavas e tchecoslovacas, meras construções de uma ideologia nacionalista que acreditava na força da etnicidade e na indesejabilidade de *estados-nação* pequenos demais. Todos os eslavos do Sul (=iugoslavos) pertenciam a um estado, assim como os eslavos do Norte das terras tchecas e eslovacas. Como se poderia esperar, esses casamentos sob mira de espingarda não se mostraram muito firmes (HOBSBAWM, 1995, p. 41).

Passada a I Guerra, “a adoção de teorias racistas pelos intelectuais nacionalistas croatas durante as décadas de 1920 e 1930 foi também o produto de anos amargos de hegemonia sérvia no reino da Iugoslávia” (BARTULIN, 2016, p. 188). Na organização separatista da Croácia, “que aglutinara fanáticos de ultradireita”, os *ustashi* “nos convulsionados Bálcãs de então cometeram assassinatos seletivos”, sendo o principal deles em 1934: “a ação terrorista contra o rei Alexandre I da Iugoslávia, em Marselha” (LUPO, 1989, p. 209). Ante Pavelic, profeta da violência, incitara esse regicídio.

Em 1938, Pavelic delineou em detalhe a posição *ustashi* concernente ao comunismo em um pequeno livro intitulado *Orrori e errori* (*Horrores e erros*). O comunismo era visto pelo líder *ustashi* anticomunista como um “sistema monstruoso e criminoso que negava a ordem natural da vida – era oposto a família, religião, propriedade privada e à nação” (BARTULIN, 2016, p. 232). “A família, ‘a mais antiga e mais natural sociedade humana’, era um obstáculo à tentativa bolchevique de ‘negar o valor e a importância dos laços de sangue’”. Estes, para Pavelic, seriam “a negação do internacionalismo e da não nacionalidade” (BARTULIN, 2016, p. 232).

Na ideologia *ustashi* veiculada por Pavelic, “o materialismo e o internacionalismo dos comunistas eram facilmente ‘compreendidos’ caso se olhasse para as origens raciais da ‘esmagadora maioria dos intelectuais e seguidores de Marx’. Estes eram, de acordo com Pavelic, naturalmente, os judeus. Marx era lembrado como um ‘judeu do Leste’” (BARTULIN, 2016, p. 232). Ademais, “a grande tragédia do bolchevismo era, aos olhos de Pavelic, que uma ‘raça que por dois milênios não foi nem de trabalhadores, soldados ou camponeses, mas de mercadores e especuladores, agora se vê a si mesma como os representantes dos trabalhadores, soldados e camponeses’” (BARTULIN, 2016, p. 233).

Oferecendo aliança ao estado fascista italiano de Mussolini, Pavelic deixara claro que “a escolha era simples: ou a Croácia permanecia como uma parte da Iugoslávia, sujeita à hegemonia sérvia, ou poderia alcançar posição

de estado em cooperação com a Itália” (BARTULIN, 2016, p. 174). Nessa aliança com os fascistas, Pavelic conduziu sua *Ustashi* em campos de treinamento na Itália e na Hungria, voltando-se contra o estado iugoslavo.

“Durante a década de 1940, os *ustashi* poderiam, entretanto, levar a lógica de seus argumentos raciais para um novo extremo chocante até mesmo para os padrões da violenta vida política dos Bálcãs.” (BARTULIN, 2016, p. 174) “O antissemitismo *ustashi* estava intimamente ligado aos movimentos anticomunistas, uma vez que comunismo estaria associado a internacionalismo judeu. Desde que a *Ustashi* também pudesse associar comunismo a iugoslavismo, os judeus ‘marxistas’ poderiam também ser vistos como defensores do estado iugoslavo.” (BARTULIN, 2016, p. 236)

É verdade que o “ódio ideológico” *ustashi* estava “direcionado em primeiro lugar e principalmente contra o principal inimigo, Sérvia”. É certo, igualmente, que as ideias *ustashi* contra os judeus “foram também o produto de um crescente ambiente político antissemita na Europa, refletindo a ascensão do Nacional-Socialismo na Alemanha” (BARTULIN, 2016, p. 237). Todavia, em sua luta pela independência, os *ustashi* escolheram como “inimigos” do povo croata os sérvios, os judeus, as democracias liberais (ou “maçons”) e comunistas. “Pavelic tentou ligar esses quatro inimigos numa conspiração diabólica que visava à escravização do povo croata.” (BARTULIN, 2016, p. 237)

Pela ideologia *ustashi*, “em sua luta por se libertar do artificial estado iugoslavo, os croatas enfrentariam quatro principais inimigos, ‘o governo estatal sérvio, maçonaria internacional, judiaria e comunismo” (BARTULIN, 2016, p. 237). Para Pavelic, “os comunistas eram ávidos defensores de um estado multinacional como a Iugoslávia porque isto se alinhava ao dogma comunista sobre internacionalismo. Em contraste com a Sérvia, a Croácia era, por suas tradições europeias, chamada a ser a defensora do Ocidente contra o bolchevismo oriental” (BARTULIN, 2016, p. 242).

Ademais, o racismo *ustashi* deitou raízes históricas no “antissemitismo do campesinato croata”, logo fundindo seus estereótipos de judeus, sérvios e ciganos, evidenciando-se que, durante o período do Estado Independente da Croácia, esses estereótipos seriam firmemente soldados na totalidade correspondente do Bloco Anti-Bolchevique de Nações (ABN)” (BARTULIN, 2016, p. 224).

“Assim como todos os nacionalistas ‘arianos’ europeus, os *ustashi* consideravam o campesinato o grupo mais próximo da natureza e, por isso, ele representaria as raízes da raça.” (BARTULIN, 2016, p. 224) Por isso, o “Partido Camponês poderia dominar a política croata no período entreguerras e conduzir a luta nacional contra a hegemonia sérvia no novo estado iugoslavo” (BARTULIN, 2016, p. 224). Se os partidos fascistas

tinham dificuldades para atrair os elementos autenticamente tradicionais da sociedade rural, havia uma exceção: aqueles que fossem ao menos “apoiados, como na Croácia, por organizações como a Igreja Católica Romana” (HOBSBAWM, 1995, p. 125), lembrando que a histórica convergência da Igreja tanto com reacionários anacrônicos quanto com fascistas “era um ódio comum pelo Iluminismo do século XVIII, pela Revolução Francesa e por tudo o que na sua opinião dela derivava: democracia, liberalismo e, claro, mais marcadamente, o ‘comunismo ateu’” (HOBSBAWM, 1995, p. 116).

Na II Guerra, alguns “regimes nacionalistas menores na Europa, cuja posição dependia inteiramente do apoio alemão, prontamente se anunciaram como mais nazistas que as SS, notadamente a *Ustashi* croata” (HOBSBAWM, 1995, p. 135). “De fato, mesmo movimentos inteiramente financiados por Mussolini, como o dos terroristas *ustashi* croatas de Ante Pavelic, não ganharam muito terreno, e permaneceram ideologicamente fascistizados até a década de 1930, quando parte deles buscou inspiração e financiamento na Alemanha.” (HOBSBAWM, 1995, p. 120) Aliada a Hitler logo em seguida à declaração da independência croata de 10 de abril de 1941, a capital croata, Zagreb, “aprovou uma série de leis raciais que incluíam a ‘arianização’ das propriedades judaicas”, demarcando-se judeus e sérvios como alvos cercados em campos de concentração na Croácia e na Bósnia (GOÑI, 2004, p. 218).

Naquela data, um regimento da *Ustashi* e o exército alemão entraram em Zagreb e “declararam a nação independente da Croácia, ao tempo em que Ante Pavelic colocou-se a purificar a nova nação croata” (ANDERSON; ANDERSON, 1986, p. 26).

Logo que o estado *ustashi* foi reconhecido pelo *Reich* alemão como seu “vizinho ‘gótico’ do Sul, a *Ustashi* instalou-se no poder por meio da Alemanha nazista em abril de 1941”, acomodando “sua visão de um estado ‘harmonioso’, baseado fundamentalmente na ideia racial de *narodna zajednica*, que correspondia diretamente ao *Volksgemeinschaft* [comunidade do povo] alemão” (BARTULIN, 2016, p. 244). “O anti-iugoslavismo *ustashi* estava intimamente conectado à aliança com o *Reich* alemão, precisamente porque a Alemanha destruíra a Iugoslávia, enquanto os Aliados estavam comprometidos com sua restauração, e porque Hitler compartilhava a visão *ustashi* de que croatas eram racialmente distintos dos sérvios. A *Ustashi* prontamente aceitou a tutela alemã.” (BARTULIN, 2016, p. 245)

Em suma, “o ‘Estado Independente da Croácia’ foi proclamado em 10 de abril na rádio de Zagreb – em nome de Pavelic e pela ‘vontade de nosso aliado’ (i.e., Alemanha)”, iniciando-se rapidamente “a deportação em massa e o assassinato em massa de sérvios. Tendo definido as ‘massas sérvias’ do

‘Estado Independente da Croácia’ em termos raciais, a *Ustashi* passou a colocar em prática racista suas teorias raciais” (BARTULIN, 2016, p. 375). Em 4 de junho de 1941, o *Führer* aprovou as ações *ustashi* contra os sérvios, orientando o *poglavnik* dois dias depois, em Berchtesgaden: “Se o estado croata quiser ser realmente estável, uma política de intolerância nacional tem de ser perseguida por 50 anos, porque resultam apenas danos de muita tolerância nessas matérias.” (Apud BARTULIN, 2016, p. 379)

Ao lado de Hitler, Pavelic foi um firme defensor da invasão alemã da Rússia e, apropriadamente, escrevendo para o *Führer* tão logo deflagrada a Operação Barbarossa ao final de junho de 1941, ofereceu ao *Reich* assistência militar croata. “A velha irmandade-em-armas germano-croata, que se confirma há séculos nos campos de batalha da Europa, pode mais uma vez ganhar vida.” (Apud BARTULIN, 2016, p. 306) Essa decisão de “enviar soldados croatas para lutar contra a ‘horda bolchevique asiática’ claramente destaca o objetivo *ustashi* de moldar um novo tipo de croata ‘racial’” (BARTULIN, 2016, p. 307).

Dessa maneira, Ante Pavelic e seu movimento *ustashi* perfizeram a voz desses fanáticos, para os quais uma “Croácia racial e religiosamente pura” exigia primeiro a destruição do estado iugoslavo” (ANDERSON; ANDERSON, 1986, p. 26). Ao lado de Ante Pavelic – cujo título *poglavnik* significa *Führer* –, Stejpan Hefer, um advogado presidente do Movimento de Libertação Croata, ocupou o cargo de governador-geral *ustashi*.

Falecido em Buenos Aires, Argentina, em 1973, Hefer foi anteriormente “o líder mundial do Movimento de Libertação Croata (conhecido por seu acrônimo croata, HOP)”, estabelecendo conselhos consultivos entre croatas exilados “para coordenar as atividades dos capítulos do HOP na Europa” (ANDERSON; ANDERSON, 1986, p. 25). Os capítulos do HOP na Europa, Austrália e Estados Unidos se voltaram contra o governo iugoslavo de Joseph Broz “Tito”, símbolo da resistência antifascista dos *partisans* da II Guerra. “Reanimando comunidades e grupos de emigrados croatas”, ao lado de “igrejas em comícios anti-Iugoslávia”, Hefer e outros *ustashi* ingressaram, posteriormente, na WACL, os mesmos croatas que “administraram uma guerra de terror” (ANDERSON; ANDERSON, 1986, p. 26).

As duas figuras centrais entre os croatas criminosos de guerra, Ante Pavelic e Stejpan Hefer, foram advogados e católicos romanos de meia-idade, membros do parlamento e líderes do grupo terrorista *Ustashi*. Pavelic, como *poglavnik* (*Führer*) da nação croata, e Hefer, como governador-geral, foram responsáveis pela mutilação de corpos de “aproximadamente um milhão de vítimas” (ANDERSON; ANDERSON, 1986, p. 26).

Bartulin, autor do fundamental *The ideology of nation and race: the Croatian Ustasha regime and its policies toward minorities in the Independent State of Croatia*, caracterizou a milícia *ustashi* como “a SS croata”. Durante o regime de Pavelic sob tutela nazi, configurou-se um *Ustaschi-Staat* “de maneira similar ao modo como o ‘III Reich’ foi um ‘SS-Statt’”. A milícia *ustashi* e a polícia foram tão importantes para a posição de poder de Pavelic quanto foram as SS para Hitler” (BARTULIN, 2016, p. 285).

Com isso, “logo depois de ‘conquistar’ o poder, Pavelic e o chefe da polícia *ustashi*, Eugen Kvaternik, procuraram instrutores da SS para a polícia *ustashi* e para a elite da divisão de guarda-costas do *poglavnik*” (BARTULIN, 2016, p. 290). Essa “aliança com a Alemanha também foi uma aliança baseada em afinidade ideológica”, como explicou o *poglavnik ustashi*, o *Führer* croata Ante Pavelic, num discurso público de janeiro de 1944:

Esta grande guerra é uma guerra ideológica. Um lado da Europa, sob sua chefia do *Führer*, luta por uma nova ordem e vida mais saudáveis, enquanto do outro lado está a democracia em frangalhos, surrada e enfraquecida em seu conjunto com o mais sombrio dos sistemas do comunismo bolchevizado. E aqui, na luta, nós ficamos do lado do *Führer*; nós ficamos com os princípios do nacionalismo, nacional-socialismo, *ustashismo*. (Apud BARTULIN, 2016, p. 298)

Não poderia ser mais explícito. “De acordo com os objetivos ideológicos do movimento *ustashi*, o regime do ‘Estado Independente da Croácia’ buscou ‘legalizar’ a supremacia dos direitos históricos e naturais da nação croata em seu território às expensas das minorias ‘antinacionais’ e ‘antissociais’ (sérvios, judeus e ciganos) vivendo dentro da Croácia.” (BARTULIN, 2016, p. 298)

Sob os auspícios de Hitler, os ideólogos *ustashi* pregavam uma “revolução espiritual croata” e anunciavam o surgimento de um “novo homem croata”, sendo que grande parte dos *ustashi* se encontrava na região Norte da Iugoslávia, propondo a remoção de cidadãos não-croatas e não-católicos pela deportação e extermínio.

Em 1944, contudo, quando “o regime fantoche nazista da Croácia estava desabando” e “Pavelic era ameaçado de fora pelo avanço das tropas soviéticas, e de dentro pelos guerrilheiros comunistas de Joseph Broz Tito”, iniciaram-se as rotas de fuga dos líderes *ustashi* via Áustria, com ajuda do Vaticano⁷, rumo à Argentina (GOÑI, 2004, p. 221). Com a vitória de Tito,

⁷ Chamados *rat lines* (“caminhos de rato”), já se escreveu que “a rota de fuga mais importante e largamente usada foi viabilizada por meio das seções de refugiados em Roma sob o patrocínio do Vaticano. Nelas, sem qualquer tipo de identificação, um fugitivo poderia, com a ajuda de um padre solidário, obter uma declaração com um pseudônimo e um falso antecedente. Com esta nova identidade, o fugitivo poderia obter um passaporte

Pavelic e os *ustashi* valeram-se do butim de guerra, “dos fundos trazidos do antigo Estado Independente da Croácia onde judeus e sérvios foram saqueados para financiar a organização *ustashi* no exílio” (GOÑI, 2004, p. 226). Rumo à impunidade, Ante Pavelic conseguiria passaporte argentino e escaparia pela Áustria, assim como Stejpan Hefer.

Com ajuda do Instituto di Santo Jeronimus, que “fornecera passaportes para fugitivos *ustashi*”, Pavelic e Hefer receberam auxílio do grupo de monges croatas católicos em Buenos Aires. Na capital argentina, os *ustashi* formaram uma “vanguarda em suas comunidades de exilados”, estabelecendo ali “a sede e o conselho supremo do Movimento de Libertação Croata (HOP), liderado por Stejpan Hefer” (ANDERSON; ANDERSON, 1986, p. 25). Transladando-se da Áustria para a Argentina em 1948, Pavelic terminou refugiado na Espanha em 1957, sob a proteção da ditadura franquista, onde morreria em 1959. “Ainda que os *ustashi* jamais tenham deixado de proclamar sentimentos nacionalistas e convicções católicas, sua diáspora política os tornou de uma crueldade desatinada”, não bastasse terem colaborado na eliminação de 700 mil judeus (LUPO, 1989, p. 209).

Ressalte-se que, ao término de seu reinado de terror na Croácia, Pavelic fugiu, consolidando-se, enfim, a vitória dos *partisans* iugoslavos comandados por Joseph Tito. O futuro marechal, libertador e líder da Iugoslávia “comunista”, organizador do fluxo de recrutas das Brigadas Internacionais em Paris durante a Guerra Civil Espanhola (1936-9), resistira em armas ao Estado Independente da Croácia (HOBSBAWM, 1995, p. 162).

Se a contrarrevolução nazifascista havia sido derrotada junto com seus colaboradores ultranacionalistas da referida ultradireita alucinada, contudo, existia outra contrarrevolução em curso, a stalinista, verdadeiro “adeus permanente à revolução mundial” (HOBSBAWM, 1995, p. 168). Daí que “as revoluções comunistas de fato feitas (Iugoslávia, Albânia, depois China) o foram *contra* a opinião de Stálin” (HOBSBAWM, 1995, p. 168). No caso da Iugoslávia, se as “vitórias de guerrilha não são plebiscitos”, “há pouca dúvida de que a maioria dos iugoslavos acolheu o triunfo dos *partisans* de Tito, exceto a minoria alemã e os seguidores do regime *ustashi* croata” (HOBSBAWM, 1995, p. 170).

Conclui-se que “o resultado final do nacionalismo e racismo *ustashi* foi genocídio”, nos termos estabelecidos pela ONU em 1949, na Convenção sobre a Prevenção e Punição do Crime de Genocídio (BARTULIN, 2016, p. 233). “O objetivo do regime *ustashi* consistiu em ‘destruir no todo ou em

da Cruz Vermelha Internacional. O papel da Igreja Católica nessa operação é seguramente uma das marcas mais sinistras em sua história. Em busca da propagação da fé, os padres que administraram as seções de refugiados ajudaram quase qualquer um, independentemente do passado político, desde que eles atestassem ser católicos anticomunistas” (ANDERSON; ANDERSON, 1986, p. 292).

parte um grupo étnico, religioso ou nacional' por meio do assassinato de seus membros.” (BARTULIN, 2016, p. 233) As ações genocidas dos *ustashi* liderados por Pavelic, por conseguinte, devem ser situadas como um laboratório de grupos ultranacionalistas anticomunistas cujos elementos integrariam o ABN a partir de 1943 e a WACL de 1966 em diante, durante a guerra fria. Morto o *Führer* croata, prosseguia a milícia *ustashi*.

Assim, “Pavelic e seu movimento *ustashi* carregam a reponsabilidade final pelo genocídio racista cometido pelo ‘Estado Independente da Croácia’ e a escolha “de bom grado do *poglavnik* para implementar a política de assassinatos em massa em aliança com o III *Reich*” (BARTULIN, 2016, p. 417) impõe um balanço histórico: “Pavelic conseguiu realizar em seus quatro anos de reinado ‘um doloroso legado para os povos da Croácia e Bósnia-Herzegovina’.” (BARTULIN, 2016, p. 275)

A Guarda de Ferro romena: catolicismo “fascista”

A essa altura, cabe circunscrever a atuação de certo grupo romeno anticomunista. Após a I Guerra, “a Romênia foi ampliada para um conglomerado multinacional” (HOBSBAWM, 1995, p. 40). O antissemitismo camponês da Europa Oriental, conforme particularizado no caso croata, tornou-se ainda mais explosivo a partir de 1918, “quando as sociedades rurais eslavas, magiares e romenas foram convulsionadas pelos incompreensíveis terremotos do mundo moderno”. “O antissemitismo de base deu substrato a movimentos fascistas europeus orientais que adquiriram uma base de massa – notadamente a Guarda de Ferro na Romênia” (HOBSBAWM, 1995, p. 123), com inserção no campesinato pobre.

Com o triunfo de Hitler na Alemanha em 1933, “entre os movimentos fascistas com algum peso fora da Itália fundados após sua chegada ao poder se destacou a Guarda de Ferro romena” (HOBSBAWM, 1995, p. 120). Nesse eixo dos nacionalistas de extrema-direita aliados aos nazistas no Leste europeu – já caracterizados como católicos “fascistas” –, os “emigrantes romenos” uniram-se à chamada Legião do Arcanjo Miguel ou Guarda de Ferro, “conhecida por seu culto da morte” (ANDERSON; ANDERSON, 1986, p. 14). Os “legionários” ou “guardiães” tiveram proteção das paróquias da Igreja Romana Ortodoxa. A sede do grupo no pós-guerra localizava-se em Madri, organizada por Horia Sima. Um de seus tenentes-chefes na América do Norte foi Chirila Ciuntu, que manteve “uma posição de grande poder na Guarda de Ferro, o que também explica sua proeminência na Liga Mundial Anticomunista (WACL)” (ANDERSON; ANDERSON, 1986, p. 14).

Ao lado de Chirila Ciuntu, o refugiado romeno e ídolo legionário Corneliu Codreanu foi o capitão da Legião que se dedicou a expurgar “judeus, estrangeiros, comunistas e maçons da Romênia”, com “um revólver em uma mão e um crucifixo na outra” (ANDERSON; ANDERSON, 1986, p. 15). Segundo Codreanu, “antes de aspirarmos ao domínio do país, nós precisamos moldar um tipo diferente de Romênia totalmente depurada dos vícios e defeitos de hoje” (*apud* ANDERSON; ANDERSON, 1986, p. 15). Vislumbrando o genocídio como o caminho para uma “purificação e renascimento espirituais”, Codreanu e seus seguidores, entre os quais Ciuntu, “mergulharam no misterioso misticismo de seu estilo de catolicismo fascista” (ANDERSON; ANDERSON, 1986, p. 15).

Codreanu foi assassinado pela União Soviética em 1938 e a liderança legionária “passou aos seus tenentes, que fugiram em segurança da Alemanha nazista”, entre os quais Horia Sima (ANDERSON; ANDERSON, 1986, p. 16). Esse “líder da Guarda de Ferro escreveu para Himmler, em 1944: ‘Estou convencido não apenas de ter recebido o melhor treinamento técnico-militar, mas, acima de tudo, a melhor visão de mundo política’” (ANDERSON; ANDERSON, 1986, p. 16). Durante a II Guerra, com proteção nazista, o governo da Romênia foi infiltrado por membros da Guarda de Ferro. Seus oficiais foram colocados em posições-chave no governo durante a ocupação nazista, apontados como responsáveis pela “romanização” (expurgo de judeus) na indústria e no comércio” (ANDERSON; ANDERSON, 1986, p. 16).

Assim como no caso do grupo de terroristas ucranianos de Stetsko, bem como dos *ustashi* croatas de Pavelic, os alemães usaram os legionários como um trunfo para controlar a Romênia. “Os nazistas ofereceram proteção aos legionários”, sobressaindo a figura do comandante da SS na Romênia, Otto von Bolschiwing⁸, que “escondeu os principais líderes e os espalhou em direção à fronteira alemã em uniformes da SS” (ANDERSON; ANDERSON, 1986, p. 19). Por seu turno, Horia Sima foi responsável pelo massacre de 1940 e 1941. Apesar do cometimento desses crimes de guerra, “na América do Norte ele se reconectou com Viorel Trifa” (ANDERSON; ANDERSON, 1986, p. 32), que “estava usando a Igreja Romana Ortodoxa para manter vivo o movimento da Guarda de Ferro em paróquias por todos os Estados Unidos e Canadá”. Em 1972, conseguiu salvo-conduto para “matadores da Guarda de Ferro em trajes de padre” (ANDERSON; ANDERSON, 1986, p. 32).

Com o exército político da Guarda de Ferro dirigido por Horia Sima em Madri, este “se juntou ao movimento global anticomunista” na WACL

⁸ “Depois da guerra, ele trabalhou para corpos de contrainteligência do exército estadunidense, emigrando para os Estados Unidos em 1961 e permanecendo em liberdade até sua morte, em 1982.” (ANDERSON; ANDERSON, 1986, p. 19)

(ANDERSON; ANDERSON, 1986, p. 33). Em suma, todos esses grupos étnicos nacionalistas de ultradireita configurariam o ABN entre 1943 e 1946. Todos foram colaboradores nazistas que “antes e durante a II Guerra foram acusados de crimes de guerra e escaparam do julgamento da história” (ANDERSON; ANDERSON, 1986, p. 13). E se a maior parte dos habitantes de países invadidos pelo Eixo subjugou-se como vítima do nazifascismo, houve algumas exceções, entre elas os ucranianos de Stetsko, os *ustashi* croatas de Pavelic e a Guarda de Ferro romena.

Esses grupos étnico-políticos nacionalistas de ultradireita, aliados aos nazistas e fascistas antes, durante e depois da II Guerra, nuclearam o ABN e, posteriormente, já durante a guerra fria, seus sobreviventes integraram a WACL. Se em alguns casos “o apoio ao fascismo ou a colaboração com o invasor afastou as pessoas envolvidas da vida pública por uma geração após 1945”, a guerra fria contra o comunismo encontraria “bastante uso para essa gente no submundo ou *demimonde* das operações militares e de espionagem ocidental” (HOBBSAWM, 1995, p. 166). O ABN, conforme se verá, foi o veículo dessa contrarrevolução global, “esquentando”⁹ a guerra fria.

“Esquentando” a guerra fria: a Liga Mundial Anticomunista (WACL) na contrarrevolução global

Diante do controle soviético estabelecido na região após a II Guerra, esses grupos étnico-políticos ultranacionalistas do Leste europeu – fundadores do ABN – envidaram esforços e consolidaram uma “Internacional Fascista” com seus grupos de frente, agências de inteligência e igrejas. Em meados da década de 1960, contribuíram para a fundação da WACL, organização que “esquentaria” a guerra fria (ANDERSON; ANDERSON, 1986, p. 14).

Nessa escalada da contrarrevolução global anticomunista, todos os membros dessa espécie de Internacional Fascista “estabeleceram contato com suas contrapartes mais jovens da Ásia, Europa e América Latina” (ANDERSON; ANDERSON, 1986, p. 13). Nisso consiste a tese de *Inside the League*, isto é, em demonstrar a continuidade desses elementos ultranacionalistas da extrema-direita do Leste europeu (reconhecidos criminosos de guerra ligados aos genocídios da II Guerra) com suas contrapartes contrarrevolucionárias durante a guerra fria, aglutinando-se, particularmente, na WACL.

Quando se diz continuidade, é bom que fique clara a concretude histórica disto. “A Liga Mundial Anticomunista não apenas tomou de

⁹ Toma-se de empréstimo a expressão “*warming up a cooling war*” do historiador alemão Torben Gülstorff (2017).

empréstimo conceitos ou táticas dos nazistas; ela incorporou os próprios nazistas, tanto é que muitas das principais figuras por trás da criação e promoção da Liga são homens que primeiro praticaram seu estilo de guerra nas ruas, guetos e campos de concentração da II Guerra Mundial na Europa.” (ANDERSON; ANDERSON, 1986, p. 12) Por isso os autores de *Inside the League* salientam que, “se alguém quiser encontrar colaboradores nazistas, basta examinar os capítulos europeus da WACL” (ANDERSON; ANDERSON, 1986, p. 45), sendo que a maioria desses “capítulos” da EuroWACL estava organizada pelo ABN.

Bloco Anti-Bolchevique de Nações (ABN), cofundador

No pós-guerra, o líder do ABN – Stetsko – orientou essa organização num sentido pragmático na contrarrevolução global anticomunista. De acordo com um de seus integrantes: “o ABN é uma organização de lutadores em primeiro lugar (...) dedicada à libertação de seus países (...). O ABN é para ação” (*apud* ANDERSON; ANDERSON, 1986, p. 30). Com ajuda de todos os grupos ultranacionalistas dessa extrema-direita até aqui analisados, aparentados aos nazifascistas, mas sem coincidir, propriamente, com seu ideário ou base histórico-social de origem e propulsão, o ABN contou também, entre seus patrocinadores, com as potências capitalistas.

Os países imperialistas ocidentais não deixariam de se aliar aos seus antigos inimigos da II Guerra, desde que atacassem conjuntamente o “comunismo”. Por essa razão é que “as agências de inteligência estadunidense e britânica recrutaram centenas deles para trabalhar em suas missões de propaganda e espionagem direcionadas contra a Europa do Leste controlada pela União Soviética” (ANDERSON; ANDERSON, 1986, p. 34). Em 1948, a unidade de contrainteligência dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha “se preocupa quase que inteiramente com a inteligência antissoviética. Este trabalho conduziu à atividade de ligação com o presente subterrâneo nazista, de modo que seu interesse em aprisionar antigos aliados ao Terceiro Reich diminuiu” (ANDERSON; ANDERSON, 1986, p. 34).

Stetsko, acomodando diferenças nacionais, organizou fascistas e colaboradores nazistas de todas regiões da Bielorrússia, Hungria, Bulgária, Romênia e Croácia. Desvencilhando-se de seu passado de aliança nazifascista e de sua responsabilidade nos crimes de genocídio da II Guerra, todavia, o ABN constituiu-se na guerra fria como “uma rede internacional extremamente visível que publicava revistas, realizava manifestações, bem como *lobby* junto a autoridades eleitas nos Estados Unidos e na Europa Ocidental”, ramificando-se mundialmente pela Inglaterra, Países Baixos,

Bélgica, Canadá, Espanha, Itália e Argentina, além de criar “o European Freedom Council, cujos membros da Europa Ocidental consistiam em proeminentes conservadores, assim como requisitados colaboradores nazistas” (ANDERSON; ANDERSON, 1986, p. 36).

Com o apoio de “capítulos” dos “Amigos Estadunidenses do ABN”¹⁰, Stetsko visitaria o presidente dos Estados Unidos Ronald Reagan, em 1983, assegurando-lhe que “seu sonho é nosso sonho; sua esperança é nossa esperança” (*apud* ANDERSON; ANDERSON, 1986, p. 37).

Antes disso, porém, ainda na chamada *détente* da guerra fria, diante da aproximação da China “comunista” com os Estados Unidos – distensão que coexistiu, todavia, com o “aquecimento” da contrarrevolução global –, a criação da WACL pelo ABN – ao lado de sua organização oriental cofundadora, a Liga Anticomunista dos Povos Asiáticos (APACL) – contou com Yaroslav Stetsko como antigo nexos histórico da luta anticomunista transnacional. O ucraniano, presidente do ABN e importante líder da WACL, “esteve envolvido com a Liga antes mesmo de sua fundação oficial, em 1966”. Em viagens para Taiwan em 1956, 1957, 1961 e 1964, compareceu a “inúmeras conferências da Liga Anticomunista dos Povos Asiáticos (o precursor da Liga Mundial)” (ANDERSON; ANDERSON, 1986, p. 20).

Antes ainda, em 1958, Stetsko já tomara parte da conferência preparatória da WACL na Cidade do México “e foi um dos principais responsáveis por sua criação definitiva. Em 1970, ele foi eleito para o conselho executivo, o corpo governante de elite da Liga” (ANDERSON; ANDERSON, 1986, p. 21)¹¹. Entre os representantes “dos ‘povos detrás da Cortina de Ferro’”, considerando “seu desejo por liberdade” “a melhor arma de guerra política”, cumpre distinguir que os “emigrados soviéticos estavam representados por duas organizações, o ABN (favorecido por Taiwan em virtude de sua longa associação) e a Assembleia das Nações Europeias Cativas (Acen)” (ABRAMOVICI, 2014, p. 121).

Com esse *lobby* anticomunista, implantou-se a “Semana das Nações Cativas” no calendário político dos Estados Unidos. Opondo-se à política de *détente*, “considerada não mais do que outra forma de conciliação com a agressão soviética e a escravização dos povos da Europa central e do Leste”

¹⁰ Existiram “capítulos” dos Amigos Estadunidenses do ABN “em Detroit, Chicago, Los Angeles, Cleveland, Miami, contando com aliados entre membros dos partidos Democrata e Republicano” (ANDERSON; ANDERSON, 1986, p. 37).

¹¹ No campo militar, “servindo nela, os comitês de honra do ABN eram compostos de antigos oficiais militares de alto escalão: general Daniel O. Graham (ex-diretor da Agência de Defesa e Inteligência), general Bruce Holloway (ex-comandante-em-chefe do Comando Aéreo Estratégico) e general sir Walter Walker (ex-comandante britânico que chefiou as Forças Aliadas do Norte)” (ANDERSON; ANDERSON, 1986, p. 37).

(NEKOLA, 2014, p. 105), a “Semana da Nações Cativas seria institucionalizada, em 1959, por meio da “Resolução das Nações Cativas”¹².

“Embora Yaroslav Stetsko, o premiê ucraniano que presidiu o assassinato de aproximadamente sete mil residentes de Lviv em uma semana de 1941, estivesse doente para participar [do ABN e da WACL], sua esposa, Slava, estava lá para representar os colaboradores nazistas ucranianos.” (ANDERSON; ANDERSON, 1986, p. 255) Indício das atividades do ABN e da WACL pode ser encontrado em resposta da senhora Slava Stetsko à pergunta sobre o que, exatamente, gostaria que o governo estadunidense fizesse por ela na luta anticomunista: “Ela rapidamente respondeu: ‘Organizar centros de guerra psicológica, guerra política.’” (ANDERSON; ANDERSON, 1986, p. 258)¹³

Coordenando a comunidade de emigrados do Leste europeu, os Estados Unidos criariam ainda o “*National Committee for a Free Europe* (desde 1953 conhecido como *Free Europe Committee* ou FEC), estabelecido em junho de 1949”, que dirigiu uma variedade de “operações de informação e propaganda, sendo a mais importante a *Radio Free Europe* (RFE)” (NEKOLA, 2014, p. 98), custeada por “gigantes financeiros e da indústria (Chevrolet, Ford Motor Company, General Electric, Chase National Bank)” (NEKOLA, 2014, p. 102). “Propaganda, e neutralização de propaganda soviética eram prioridades para as organizações nacionalistas ucranianas e, depois, tornou-se uma necessidade do Bloco Anti-Bolchevique de Nações.” (SOSENKO, 2014, p. 5)

Da II Guerra à guerra fria, a estratégia antibolchevique delineava o incitamento de rebeldes antissoviéticos e de “outras organizações insurrecionais étnico-nacionais” (SOSENKO, 2014, p. 4), procurando o ABN, nada aquém disso, “a destruição final da tirania bolchevique no mundo” (SOSENKO, 2014, p. 19).

A “Declaração do Bloco Anti-Bolchevique de Nações cunhou a União Soviética como *Tiurma Narodiv* – a Prisão das Nações” (SOSENKO, 2014, p. 19). “Para o ABN, a luta era incondicional, e era claro que ‘o bolchevismo deveria desaparecer da face da terra para então a humanidade

¹² Na visão de um apologeta, na Resolução 11 “as autoridades competentes do governo dos Estados Unidos pela primeira vez contestaram oficialmente o domínio russo-bolchevique sobre todos os países e povos não-russos tanto fora quanto dentro das fronteiras da assim chamada União das Repúblicas Socialistas Soviéticas e reconheceram como legítimo o direito à liberdade e à independência desses povos. Mais importante, a libertação de todos esses povos forçadamente subjugados e escravizados foi declarada como um objetivo que deve ser buscado e que é de importância vital para a segurança dos Estados Unidos” (SOSENKO, 2014, p. 36).

¹³ Slava Stetsko empenhou-se nessas intensas campanhas de contrapropaganda soviética. “O *bureau* de imprensa do Bloco Anti-Bolchevique de Nações (ABN), chefiado pela mulher do presidente do ABN Yaroslav Stetsko, Slava Stetsko, reunia informações e publicações da Correspondência do ABN.” (SOSENKO, 2014, p. 34)

poder viver em paz, com harmonia, verdade e bem’.” (SOSENKO, 2014, p. 22)

Vale acompanhar mais de perto a formulação ideológica do líder ucraniano do ABN, Yaroslav Stetsko, para o qual se deveria constituir “um único *front* da Europa do Leste à Eurásia” contra o bolchevismo, oferecendo essa alternativa, na corrida armamentista da guerra fria, “para as polícias ocidentais” (SOSENKO, 2014, p. 25):

As guerras nacionais de libertação – isto é, uma série de insurreições – pode conduzir à destruição da União Soviética desde seu interior. A ideia de nacionalismo é a solução para os problemas correntes do mundo porque o nacionalismo resolve problemas na base das comunidades nacionais. Todas as outras ideias – a balança de poder e contenção – falharão. O nacionalismo sozinho pode se opor ao falso sistema sustentado pelo imperialismo e chauvinismo russos. Se os Estados Unidos concederem ajuda para as nações subjugadas então elas se tornarão uma força revolucionária [*sic*] de libertação, ao passo que a União Soviética é uma força contrarrevolucionária. (STETSKO *apud* SOSENKO, 2014, p. 25)

Advertindo a necessidade de um *front* unitário para as contrarrevoluções antissoviéticas, Stetsko asseverava que “o centro do imperialismo bolchevique, Moscou, forçosamente lança sobre nossas nações uma ordem estrangeira e adversária” e, portanto, “sem uma libertação nacional não poderá haver liberdade e igualdade social” (SOSENKO, 2014, p. 27). O ABN, organizado por Stetsko, fundou-se essencialmente nessa ideologia de “libertação nacional” antissoviética, permeando sua visão de mundo e prática social pelo anticomunismo.

Para Stetsko, “as reivindicações comunistas por igualdade, a destruição da estrutura de classes e outros ideais utópicos soviéticos não poderiam ser cumpridos”. Rejeitando como quixotismo historicamente inviável a propositura marxiana da emancipação humana pela abolição das classes sociais, da propriedade privada dos meios de produção, do estado, da política e do direito, Stetsko acreditava que o sistema comunista-bolchevique “provaria” a falência inexorável do “sistema” de Marx (SOSENKO, 2014, p. 26). E mesmo que a propositura marxiana de revolução social fosse passível de se concretizar (coisa que Stetsko negava), no caso soviético ela não se tinha realizado. Caso de fato tivesse sido destruída a estrutura de classes na União Soviética, “como as autoridades bolcheviques frequentemente reivindicam”, afirmava Stetsko (não sem alguma razão na sua desrazão ultradireitista), “o estado [soviético] não teria nenhuma necessidade de promover expurgos, terror e campanhas de propaganda generalizadas” (SOSENKO, 2014, p. 26).

Ao lado desse visceral anticomunista, inextrincavelmente outro nódulo ideológico constituiu o ideário do ABN via elaboração de Stetsko. A

crítica ao comunismo é acompanhada pela crítica ao liberalismo, cujos “excessos” democráticos abririam flancos para o inimigo vermelho. É por isso que Stetsko tanto “ênfaticamente o perigo do liberalismo sem nenhuma restrição”, liberal-democratismo débil do qual os bolcheviques na Revolução Russa de 1917 teriam se aproveitado. Propugnando uma alternativa autocrático-nacionalista de ultradireita entre comunismo e liberalismo, Stetsko apontou para a inexistência na Ucrânia, bem como nos outros “estados subjugados”, de “uma classe burguesa verdadeiramente capitalista”, o que deslegitimaria o alvo proclamado do bolchevismo: a extinção da burguesia (SOSENKO, 2014, p. 27).

Stetsko, portanto, foi a mais importante personalidade e presidente do ABN até sua morte, em 1986, envolvendo-se na fundação e atividades da WACL na guerra fria. Ligando os pontos geográficos da contrarrevolução global, “esquentando” o período da *détente*, Stetsko nutriu “duradouros contatos com a base taiwanesa da WACL estabelecida por Chiang Kai-shek” (SOSENKO, 2014, p. 25). A Agência Central de Inteligência (CIA) dos Estados Unidos, sob Allen Dulles, contribuiu para a estruturação de alguns serviços de inteligência nesse eixo oriental cofundador da WACL, auxiliando na criação, em torno do mesmo Chiang Kai-shek, da já citada APACL, que estava controlada por Ray S. Cline¹⁴, “então chefe da estação da CIA em Taiwan” e responsável pela publicação do *Asian Bulletin* (MEYSSAN, 2015).

Liga Anticomunista dos Povos Asiáticos (APACL), cofundadora

Nessa escalada global da contrarrevolução anticomunista, deve-se fixar que foram Cline e Stetsko que “supervisionaram a fundação da Academia Militar de Guerra Política de Taiwan, instituição encarregada do adestramento de quadros do regime de Chiang Kai-shek para a repressão anticomunista” (MEYSSAN, 2015). Mas não só. “Para as ditaduras de extrema-direita da América Central e do Sul, que representavam a maior parte dos poucos reais aliados que restaram, os taiwaneses poderiam oferecer algo mais do que comércio; eles também puderam oferecer treinamento político em guerrilhas na sua Academia em Peitou.” (ANDERSON; ANDERSON, 1986, p. 44)

Contando com um *lobby* nos Estados Unidos – poderosa rede de congressistas e interesses empresariais que promoviam a luta anticomunista na Ásia –, o próprio Chiang Kai-shek “financiara vários

¹⁴ “Tendo servido como funcionário de inteligência da Marinha estadunidense e do Office of Strategic Services (OSS) na Ásia durante a II Guerra Mundial, Cline foi chefe da estação da CIA em Taiwan de 1958 a 1962”, tornando-se, depois, diretor interino da CIA e “associado sênior do Center for Strategic and International Studies da Universidade de Georgetown em Washington e presidente do National Intelligence Study Center” (ANDERSON; ANDERSON, 1986, p. 55).

movimentos anticomunistas na Ásia e também recebera ajuda dos membros ucranianos do ABN, especialistas em guerra clandestina, enviados por seus mentores estadunidenses” (ABRAMOVICI, 2014, p. 117).

Consolidou-se, então, a conexão transnacional anticomunista do ABN com a APACL (portanto, WACL), perfazendo-se nas figuras de Chiang Kai-shek e Yaroslav Stetsko, com o auxílio das potências capitalistas dos Estados Unidos, Grã-Bretanha e Alemanha Ocidental. Voltando-se à formação de especialistas em guerra clandestina, entre outras operações conjuntas de Chiang Kai-shek e Yaroslav Stetsko, destaca-se o fato de que “eles treinaram a polícia secreta e grupos de ações encobertas, além de contribuírem para a criação da *Radio Free Asia*, a equivalente taiwanesa da *Radio Free Europe* baseada em Munique” (ABRAMOVICI, 2014, p. 117). “A APACL, dirigida do quartel-general de Taipei, fazia bom uso da propaganda da ‘Semana das Nações Cativas’ nas décadas subsequentes para conectar sua causa com a campanha antissoviética focada na Europa.” (ABRAMOVICI, 2014, p. 117)

Desse modo, se “a WACL foi fundada em 1966 na Coréia do Sul e sua primeira conferência ocorreu em 1967” (ANDERSON; ANDERSON, 1986, p. XVI), tendo como “seus chefes organizadores” os governos de Taiwan, da Coréia do Sul e o próprio ABN, desde então “ela cresceu em ‘capítulos’ em mais de 90 países em seis continentes” (ANDERSON; ANDERSON, 1986, p. XVII). Verdadeira “Internacional Anticomunista” da contrarrevolução global permanente na *détente* da guerra fria, “ocultando as ligações internacionais dessa rede contraterrorista”, a WACL praticou “a guerra não-convencional”, que “inclui, além de terrorismo, subversão e guerra de guerrilha, atividades encobertas e não-militares como sabotagem, guerra econômica, apoio a grupos de resistência, operações psicológicas, ‘negra’ e ‘cinza’, atividades de desinformação e guerra política” (ANDERSON; ANDERSON, 1986, p. XVIII). “Esquentando” a guerra fria na globalização da contrarrevolução anticomunista, a WACL foi o veículo dessa “transferência internacional da fina arte da guerra não-convencional” (ANDERSON; ANDERSON, 1986, p. XVIII).

Alguns “capítulos” nacionais da WACL

O “capítulo” estadunidense: nazificação e rollback communism

Cabe aqui, rapidamente, apenas citar a incidência do ABN na WACL em alguns de seus chamados “capítulos” nacionais.

O “capítulo” estadunidense da WACL, em sua primeira gestão, foi representado por Roger Pearson, responsável pela nazificação da Liga e, particularmente, de seus “capítulos” europeus reunidos na EuroWACL.

Pearson havia ajudado na formação da *Northern League for Pan-Nordic Friendship*, um organização guarda-chuva para “revisionistas históricos, racistas ‘científicos’ e velhos nazistas das nações ‘arianas’ do globo” (ANDERSON; ANDERSON, 1986, p. 94).

Ocupando a presidência do capítulo estadunidense da WACL entre 1978-9, Pearson foi “o responsável pela inundação do capítulo europeu da Liga com simpatizantes nazistas e antigos oficiais nazistas da SS” (ANDERSON; ANDERSON, 1986, p. 93), favorecendo “os capítulos australiano e sul-africano compostos de revisionistas históricos, antissemitas e emigrados do Leste europeu largamente sacados da Guarda de Ferro romena, da *ustashi* croata e do Bloco Anti-Bolchevique de Nações” (ANDERSON; ANDERSON, 1986, p. 96). Com eles, Pearson aproveitou “a chance de estreitar o círculo e unir os neonazistas da Europa sob a propaganda da Liga Mundial Anticomunista” (ANDERSON; ANDERSON, 1986, p. 96). Tratou-se, portanto, de uma “infusão de fascistas europeus dentro da Liga” (ANDERSON; ANDERSON, 1986, p. 99), configurando-se a WACL, assim, “um dos maiores blocos fascistas da Europa pós-guerra” (ANDERSON; ANDERSON, 1986, p. 100).

Os antigos elementos ultranacionalistas do Leste europeu congregados no ABN, cofundador da WACL, acusavam a suposta falta de agressividade do governo estadunidense no combate ao movimento comunista internacional. “A Guarda de Ferro Romena e outros fascistas do Leste europeu acusavam os Estados Unidos de haverem se juntado ao lado errado na II Guerra Mundial, pois deveriam ter se unido à Alemanha nazista em sua luta contra a União Soviética comunista”. Representando a *ustashi* croata, ainda ressentida pela recusa inglesa e estadunidense de colaborar na luta contra os *partisans* de Tito em 1945, Stejpan Hefer (presidente do Movimento de Libertação Croata) acusou as grandes potências ocidentais, em 1970, de preferirem lutar contra a ideia do nacionalismo “por conta de suas próprias razões egoístas” (ANDERSON; ANDERSON, 1986, p. 111).

Substituindo Pearson na presidência do “capítulo” estadunidense da WACL, responsável por sua “nazificação”, destacou-se posteriormente a figura do general Singlaub, “que havia sido o comandante da *Joint Unconventional Warfare Task Force*, conhecida como MACSOG”, sendo “um dos comandantes locais da Operação Phoenix, o programa contraterrorista de assassinato dirigido pelos estadunidenses” na Guerra do Vietnã (ANDERSON; ANDERSON, 1986, p. 151). Singlaub passou à estratégia anticomunista chamada *rollback*¹⁵ em sua gestão da WACL,

¹⁵ Sobre a estratégia *rollback communism*, sabe-se que “logo depois da II Guerra Mundial uma mudança ocorreu na política externa da ala direita dos Estados Unidos, do isolacionismo para o intervencionismo militar. Abandonando a visão de que os problemas mundiais são problemas dos outros países, a direita engajou-se numa cruzada para varrer o comunismo da face da terra” (BODENHEIMER; GOULD, 1989, p. 11).

mantendo as profícuas relações com antigos criminosos de guerra e genocidas. “O general Singlaub foi o palestrante convidado na conferência do Bloco Anti-Bolchevique de Nações em Londres em 1982 e visitou sua sede em Munique.” (ANDERSON; ANDERSON, 1986, p. 154)

Na década de 1980, Singlaub financiou os guerrilheiros anticomunistas do Afeganistão, Moçambique e Nicarágua (ANDERSON; ANDERSON, 1986, p. 256), sustentando, via WACL, a necessidade da “guerra não-convencional em um nível que o governo estadunidense, por si próprio, não estava disposto ou não era capaz de fazer” (ANDERSON; ANDERSON, 1986). Prova da abrangência dessas atividades chefiadas por Singlaub é o fato de que, “em 1983, a WACL imprime camisetas com a efígie de Osama Bin Laden e a seguinte inscrição: “Apoie o combatente afegão da liberdade. Ele luta por você!” (MEYSSAN, 2015) Este caso, em particular, traz à tona a oportuna advertência do historiador Torben Gülstorff: “Estudos sobre a guerra global contra o comunismo poderiam também contribuir para a compreensão das raízes históricas de nossa contemporânea ‘guerra contra o terror’.” (GÜLSTORFF, 2017, p. 73)

Confederação Anticomunista Latino-Americana (CAL), a regional congênere

Antes de apontar a incidência e a interconexão de elementos do ABN nos “capítulos” paraguaio e brasileiro da WACL, cumpre destacar, brevemente, que a inserção dessa organização transnacional anticomunista na América Latina se deu por meio de uma federação regional análoga designada Confederação Anticomunista Latino-Americana (CAL), estabelecida na Cidade do México em 29 de agosto de 1972. De acordo com as Cartas de Princípios da CAL, “a Confederação representou ‘uma aliança de partidos políticos e outras entidades anticomunistas’. Essas entidades incluíram um largo espectro de organizações legais, secretas, militares, estudantis, clericais, empresariais, entre outras, bem como organizações político-paramilitares anticastristas, como a Alpha 66” (LÓPEZ, 2016, p. 283).

Conforme trabalho recente de Fernando López, que desdobra as pistas históricas de *Inside the League*, livro referência dos irmãos Anderson, a WACL se associou, na criação da CAL, com “os setores mais conservadores e reacionários das direitas latino-americanas radicais que tiveram uma participação importante na criação de um ambiente que facilitou e encorajou a implementação e transnacionalização do terrorismo de estado” (LÓPEZ, 2016, p. 252). “Esses grupos, e especialmente aqueles que foram estabelecidos pela CAL e pela WACL, tornaram-se atores-chave no processo que conduziu à formalização do Plano Condor” (LÓPEZ, 2016, p. 253). “Este

nível de cooperação mútua entre anticomunistas latino-americanos aumentou com a criação da CAL e alcançou seu ápice durante os anos nos quais o Plano Condor foi operacionalizado” (LÓPEZ, 2016, p. 288).

“Capítulo” paraguaio: o croata *ustashi* Miro Baresic e a visita de Slava Stetsko (ABN)

Observe-se, por ora, sem condições de aprofundamento, que o “capítulo” paraguaio da WACL esteve dirigido por elementos diretamente ligados à ditadura militar de Alfredo Stroessner (1954-88), sendo o principal deles Antonio Campus Allum, delegado de polícia responsável pela prática sistemática de tortura na Diretoria Nacional de Assuntos Técnicos, a temida *Técnica*. Allum organizou o “capítulo” da WACL/CAL no Paraguai e operou no Plano Condor na gestão da principal polícia política guarani. Contudo, para os objetivos deste artigo, basta apontar a conexão repressiva estabelecida, em dois casos exemplares, entre a ditadura paraguaia e alguns elementos étnica e politicamente vinculados à ABN.

O primeiro deles é o croata *ustashi* Miro Baresic, “um dos assassinos melhor treinados do mundo”, que “se transformou em homem de choque de Stroessner no exterior” (LUPO, 1989, p. 209). Abandonando a Espanha depois da morte do ditador Franco, em 1976, Baresic radicou-se no Paraguai sob a proteção dos militares e logo foi “contratado como instrutor de artes marciais em instituições do exército, especialmente no Colégio Militar Marechal Francisco Solano López” (LUPO, 1989, p. 210). “Os cadetes o conheciam como ‘o croata Tony Sarik’”, e com este nome Baresic trabalhou em Washington “como chofer e guarda-costas do embaixador Mario López Escobar, protegido de Somoza [ditador nicaraguense] e especialista de Stroessner para os negócios sujos e a exploração profissional do anticomunismo.” (LUPO, 1989, p. 211)

O segundo caso paraguaio é o de Slava Stetsko, como vimos, a representante do ABN em nome de seu esposo, o criminoso de guerra genocida Yaroslav Stetsko – “protegido por toda sua vida pelo líder dos fascistas bávaros Franz Josef Strauss, amigo pessoal de Stroessner” (LUPO, 1989, p. 82). Slava Stetsko “integrou o comitê executivo da WACL que se reuniu em Assunção em 1979, sob a presidência de Stroessner” (LUPO, 1989, p. 82). Nessa ocasião no Paraguai, também se encontraria com um antigo tenente do tsar Nicolau II, Stephan Vysokolán, que, depois de combater o Exército Vermelho na contrarrevolução “branca” e a Bolívia na Guerra do Chaco (1932-5), integrado ao exército paraguaio, tornar-se-ia finalmente um dos generais de Stroessner. Slava Stetsko, assim, teve a “agradável surpresa de dialogar em russo com um general paraguaio, o

mesmo Vysokolán – tenente do tsar, general de Stroessner” (LUPO, 1989, p. 82).

Apenas a magnitude histórico-mundial da Revolução Russa pôde proporcionar esse tipo de conexões repressivas nada miraculosas entre russos “brancos” e ditaduras militares latino-americanas, mas que advieram da mundanidade e do aquém da contrarrevolução anticomunista global deflagrada após 1917.

Sepes, o “capítulo” brasileiro: a “voz” dos exilados anticomunistas do Leste europeu

Para o “capítulo” brasileiro¹⁶ da WACL, identificado na chamada Sociedade de Estudos Políticos, Econômicos e Sociais (Sepes), sediada no Shopping Iguatemi em São Paulo, vale a mesma advertência feita acima: não é possível aprofundá-lo neste artigo. Todavia, registre-se que seu presidente, o empresário Carlo Barbieri Filho, também galgaria a presidência da própria WACL, entre 1975 e 1976, integrando a CAL, em seu conselho financeiro, desde sua fundação em 1972. Mas aqui, sem desdobrar a presença de um Alfredo Buzaid, ex-ministro da Justiça da ditadura militar¹⁷, ou do presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) Theobaldo de Nigris, neste “capítulo” brasileiro da WACL, por ora basta delimitar a conexão estabelecida, em casos exemplares, entre a Sepes e alguns elementos étnica e politicamente vinculados ao ABN.

A “organização secreta” Sepes, de acordo com o informe *Visit to Chile of Brazilian Anti-Communist*, elaborado pela embaixada estadunidense de Santiago do Chile para o secretário de Estado em 1975, “é composta por estudantes, professores e profissionais que rejeitam as doutrinas materialistas antinacionais do comunismo”, advogando seus membros “a defesa dos costumes nacionais brasileiros e cristãos como a mais forte trincheira contra o comunismo” (WIKILEAKS, 2014). No congresso da WACL realizado no Rio de Janeiro em 1974, registrou-se como “evidente o considerável apoio governamental” dado pela ditadura militar, tanto pelo “número de antigos e atuais funcionários de todos os níveis do governo que compareceram às sessões do congresso e assumiram lugares de honra nas plataformas” quanto pelo “provimento de segurança fornecida pela polícia secreta do exército e pelo DOPS [Departamento de Ordem

¹⁶ Cf. “Alfredo Buzaid na Sepes, o ‘capítulo’ brasileiro da Liga Mundial Anticomunista (WACL)” em Machado (2015, pp. 217 ss).

¹⁷ A ideologia e a práxis anticomunistas de Alfredo Buzaid foram analisadas em *Alfredo Buzaid e a contrarrevolução burguesa de 1964: crítica histórico-imanente da ideologia do direito, da política e do estado de justiça* (MACHADO, 2015) e resumidas no artigo *Conspiração, golpe de estado e ditadura bonapartista: Alfredo Buzaid e o Livro da Verdade* (1970) (MACHADO, 2016).

Política e Social]”. “Também houve rumores de que o SNI [Serviço Nacional de Informações] providenciou substancial apoio nos bastidores em termos de financiamento de transporte, traslado e demais necessidades administrativas do Congresso.” (WIKILEAKS, 2014)

No mesmo sentido, a matéria do *Jornal do Brasil* Jovens abrem congresso anticomunista destacou que, “com a participação de 58 países, começa hoje, no Hotel Intercontinental, o VI Congresso da Liga Mundial Juvenil Anticomunista”. “Aberto com um discurso do Sr. Carlo Barbieri Filho, presidente da Sepes”, contaria “com a presença do governador Faria Lima e com uma palestra do ex-ministro da Justiça, Alfredo Buzaid, que falará sobre ‘As falsas democracias e o comunismo’” (JORNAL DO BRASIL, 1975, p. 19).

Tendo como objetivo declarado “unir os povos amantes da liberdade contra o comunismo”, “falarão também a Sra. Slava Stetsko, representante do Bloco Anti-Bolchevique de Nações, o xeique Ahmed Salah Janjom, da Arábia Saudita, e o Dr. Ku Cheng-kang, presidente honorário da Liga Mundial Anticomunista” (JORNAL DO BRASIL, 1975, p. 19).

De outra parte, em nome dos ultranacionalistas croatas – representados pela *Ustashi* no ABN e na WACL –, a deputada Dulce Salles Cunha Braga registrou, em suas atividades anticomunistas, o “Manifesto de Solidariedade da Sepes” de 1977, “por ocasião do transcurso do centenário do Tratado de Berlim, pelo qual, em 1877, a Romênia obteve sua independência”. O Manifesto demonstrava a solidariedade do “capítulo” brasileiro da WACL “a todos os romenos livres, na luta comum, positiva, sem divisões, sem a estéril concorrência imposta pela vaidade e pela inveja, porque nenhum verdadeiro anticomunista poderá repousar enquanto uma nação, como a Romênia, permanecer sob o jugo dos marxistas” (BRAGA, 1977, p. 74)¹⁸.

Pretendendo ser, enfim, a “voz” dos emigrados anticomunistas no Brasil, em 1975 a Sepes também patrocinou uma “Noite de Folclore Internacional” que, de acordo com informe produzido pelo SNI da ditadura militar, contou “com a presença de aproximadamente 800 pessoas” (SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES, 2014, p. 4). Esse patrocínio da Sepes à causa anticomunista no Brasil inseriu-se no marco comemorativo internacional da “Semana das Nações Cativas”, como vimos, estabelecida pelo *lobby* antissoviético do ABN nos Estados Unidos. “O Dr. Carlo Barbieri Filho, presidente da Sepes, usou da palavra no intervalo das apresentações de danças folclóricas das nações representadas, ou seja, Croácia, Estônia,

¹⁸ “Sua solidariedade a todos os romenos livres, alegrando-se com eles na memória de sua data nacional de 10 de maio; Sua solidariedade a todos os romenos livres, unindo-se a eles na luta pela reconquista da liberdade da nação romena, escravizada pelos comunistas desde 1945, quando Andrei Vishinsky, vice-ministro das Relações Exteriores da União Soviética, exigiu do rei Michel a nomeação de um títere a serviço de Moscou.” (BRAGA, 1977, p. 74)

Letônia, Lituânia, China Nacionalista, Hungria, Ucrânia e Portugal”, tendo por objetivo declarado buscar um “melhor entrosamento das colônias, para que se pudesse combater de uma maneira efetiva o mal que aflige aquelas nações, que se encontram sob o controle comunista” (SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES, 2014, p. 5).

Considerações finais

Já se vão décadas na história desde que a extrema-direita ultranacionalista alucinada do Leste europeu – em especial, os ucranianos de Yaroslav Stetsko e sua OUN/B, a milícia croata *ustashi* e seu *Führer* Ante Pavelic e os católicos “fascistas” romenos da Guarda de Ferro – praticaram sua “guerra não-convencional por meio do massacre de grupos étnicos russos e judeus, para os nazistas e em nome do ‘antibolchevismo’” (ANDERSON; ANDERSON, 1986, p. 261). Reunindo-se entre 1943-6 no ABN, esses grupos étnico-políticos antissoviéticos integrariam, a partir de 1966, a WACL.

“Esquentando” o período da chamada distensão da guerra fria, globalizaram a contrarrevolução anticomunista, conectando o eixo asiático (sobretudo taiwanês e sul-coreano, mas não só) tanto com os “capítulos” da EuroWACL e dos Estados Unidos quanto com as ditaduras militares da América Latina, auxiliando-as em sua guerra suja antissubversiva. Como se vê, existiu uma ligação direta entre a besta nazifascista e os ultranacionalistas de extrema-direita e a contrarrevolução anticomunista aqui também, no Cone Sul da América Latina, que não escapou dos tentáculos da WACL/CAL, conforme pincelamos apenas nos casos paraguaio e brasileiro.

Se, contudo, a contrarrevolução nazifascista fora derrotada após a II Guerra, a contrarrevolução global anticomunista prosseguiu durante a guerra fria, empregando os mesmos indivíduos e técnicas genocidas de forma mundializada. O ventre da besta da qual emergiu o nazifascismo, até hoje, não foi desmantelado – a regência do capital e sua crise estrutural.

Com a queda da União Soviética – que, a seu modo, reproduzira a barbárie do capital pós-capitalista sob uma nova formação pós-revolucionária – e com o suposto desmantelamento do ABN, sobressaíram alguns de seus membros no cenário pós-soviético, como demonstra a eleição de Slava Stetsko para vice-presidência da Assembleia Nacional Ucraniana e de Franjo Tudjman, “um membro do capítulo croata da WACL”, para a presidência da Croácia pós-Iugoslávia em 1990 (ABRAMOVICI, 2014, p. 127). Todavia, por seu turno, o núcleo asiático da contrarrevolução anticomunista gestado em torno da WACL – mais particularmente via APACL, aqui delineada – permanece ativo (mas não apenas) naquela região

do Globo, como revelado pela literatura especializada¹⁹, sob um novo nome: *World League for Freedom and Democracy-Asia-Pacif League for Freedom and Democracy* (WLFDA-APLFD).

Se, enfim, o anticomunismo constituiu a pedra de toque de unificação das burguesias imperialistas e de suas correspondentes nacionais subordinadas, ele ainda segue ativo naquele eixo asiático, haja vista a permanência de seu inimigo figadal, a República Popular da China. Com o desgoverno Donald Trump no comando do imperialismo hegemônico suscitando um clima de “esquentamento de uma guerra fria”, realimentam-se os interesses independentistas de Taiwan e, portanto, o fenômeno do anticomunismo daquela região asiática retroalimenta-se permanentemente dos interesses expansionistas do complexo industrial-militar estadunidense.

Dito isto, cabe uma advertência final. O estudo histórico do fenômeno do anticomunismo transnacional não implica, como contraparte, a “propaganda” ou apologia da China supostamente “comunista” ou do alegado “socialismo” da extinta União Soviética. Não se pode perder de vista que não houve a superação da regência do capital, da exploração da força de trabalho, do estado e do direito nas formações pós-revolucionárias chinesa e soviética. Os processos e estruturas pós-capitalistas de extração de excedente de trabalho, aliados a monstrosos político-jurídicos responsáveis por processos kafkianos e genocidas como os de Moscou e de Pequim, demonstram o beco sem saída em que se metem aqueles preocupados em defender (mais do que em analisar) o soviétismo passado ou o chamado “comunismo” da República Popular da China atual, marcado pela superexploração da força de trabalho, embora travestida institucionalmente da retórica oficial “comunista”. A ideologia anticomunista, que considera as formações pós-revolucionárias russas, chinesas e cubanas “comunistas”, persiste, em seu poder social burguês transnacional, cumprindo importante função social enquanto complexo ideológico. Se é verdade que historicamente as revoluções sociais da Rússia (1917), China (1949) e Cuba (1959) engendraram um determinado tipo de contrarrevolução global anticomunista, também se deve ter em vista que o chamado “comunismo” – isto é, a autogestão dos trabalhadores livres

¹⁹ “Com um séquito massivo na região Ásia-Pacífico, a WLFDA-APLFD é provavelmente a rede anticomunista de maior escala que continuou depois da era pós-guerra fria. Originando-se como a Liga Anticomunista dos Povos Asiáticos (APACL) em 1954, expandiu-se para além da região asiática em 1966 e se fundiu na Liga Mundial Anticomunista (WACL). Enfrentada com o colapso da União Soviética e a transformação gradual da República Popular da China em direção à economia capitalista, em 1990-1 a WACL adotou um novo título e missão para a era pós-comunista. A durabilidade e adaptabilidade da WLFDA-APLFD é um exemplo excelente de como redes do anticomunismo transnacional, de modo bem-sucedido, metamorfosearam-se de acordo com as mudanças da política global.” (DONGEN; ROULIN; SCOTT-SMITH, 2014, p. 1)

associados sem estado ou capital (coagulado na separação entre a classe trabalhadora e os meios de produção), no entendimento marxiano do termo, inexistiu e inexistiu nas formações pós-revolucionárias soviética, chinesa e cubana.

O anticomunismo transnacional segue e persegue, pois, combatendo formações históricas aquém do comunismo propriamente dito, ou seja, um modo de produção para além do capital, sociometabolismo superior e mais globalizante. O comunismo para além da regência do capital, do estado, da política e do direito, ainda é tarefa a ser feita (CHASIN, 1983).

Referências bibliográficas

ABRAMOVICI, Pierre. "The World Anti-Communist League: origins, structures and activities". In: DONGEN, Luc Van; ROULIN, Stéphanie; SCOTTE-SMITH, Giles. *Transnational anticommunism and the cold war*. Agents, activities, and networks. Londres: Palgrave Macmillan, 2014.

ANDERSON, Scott; ANDERSON, Jon Lee. *Inside the League*. The shocking exposé of how terrorists, Nazis and Latin American death squads have infiltrated the World Anti-Communist League. Nova York: Dodd, Mead & Company, 1986.

BARTULIN, Nevenko. *The ideology of nation and race: the Croatian Ustasha regime and its policies toward minorities in the Independent State of Croatia, 1941-1945*. New South Wales: University of New South Wales, 2006. Disponível em: <<http://www.jasenovac-info.com/biblioteka/Bartulin2.pdf>>, acessado em 15 jul. 2016.

BODENHEIMER, Thomas; GOULD, Robert. *Rollback! Right-wing power in US Foreign Policy*. Nova York: South End Press, 1989.

BRAGA, Dulce Salles Cunha. Pronunciamento. *Diário Oficial de São Paulo*, 8 jun. 1977.

CHASIN, J. Marx, hoje. Da razão do mundo ao mundo sem razão. *Nova Escrita Ensaio*, São Paulo, n. 11/12, 1983.

DONGEN, Luc Van; ROULIN, Stéphanie; SCOTTE-SMITH, Giles. *Transnational anticommunism and the cold war*. Agents, activities, and networks. Londres: Palgrave Macmillan, 2014.

GOÑI, Uki. *A verdadeira Odessa*. O contrabando de nazistas para a Argentina de Perón. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GÜLSTORFF, Torben. *Warming up a cooling war: an introductory guide on the CIAs and other globally operating anti-communist networks at the beginning of the cold war decade of détente*. Cold War International History Project. Working Paper # 75. Washington DC: Woodrow Wilson International Center for Scholars. Disponível em:

<https://www.wilsoncenter.org/sites/default/files/cwiwp_working_paper_75_warming_up_a_cooling_war_o.pdf>, acessado em 15 set. 2017.

HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *Sobre história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

JORNAL DO BRASIL. *Jovens abrem congresso anticomunista*. 22 abr. 1975.

LÓPEZ, Fernando. *The feathers of Condor: transnational state terrorism, exiles and civilian Anticommunism in South America*. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2016.

LUPO, Rogelio Garcia. *Paraguay de Stroessner*. Buenos Aires: Grupo Zeta, 1989.

MACHADO, Rodolfo Costa. *Alfredo Buzaid e a contrarrevolução burguesa de 1964: crítica histórico-imanente da ideologia do direito, da política e do estado de justiça*. 2015. Dissertação (Mestrado) apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2015. Disponível em:

<[file:///C:/Users/usuario/Downloads/Rodolfo%20Costa%20Machado%20\(17\).pdf](file:///C:/Users/usuario/Downloads/Rodolfo%20Costa%20Machado%20(17).pdf)>, acessado em 1 dez. 2015.

_____. *Conspiração, golpe de estado e ditadura bonapartista: Alfredo Buzaid e o Livro da Verdade (1970)*. *Verinotio – Revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas*, ano XI, n. 21, abr. 2016. Disponível em: <<http://www.verinotio.org/revistas.php?revista=21>>, acessado em 1 jul. 2016.

MARX, Karl; ENGELS, F. *A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846)*. São Paulo: Boitempo, 2009.

MEYSSAN, Thierry. *La Liga Anticomunista Mundial, internacional del crimen*. Paris: Red Voltaire, 2005. Disponível em: <<http://www.voltairenet.org/article123397.html>>, acessado em 1 fev. 2015.

NEKOLA, Martin. “The Assembly of Captive European Nations: a transnational organization and tool of anti-communist propaganda”. In: DONGEN, Luc Van; ROULIN, Stéphanie; SCOTTE-SMITH, Giles. *Transnational Anticommunism and the cold war. Agents, activities, and networks*. Londres: Palgrave Macmillan, 2014.

REZENDE, Claudinei Cássio de. *Generidade e politicidade no último Lukács*. 2015. Tese (Doutorado) defendida na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, 2015.

SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES (SNI). *Despacho: Informar o que consta sobre situação da Rádio Novo Mundo e se o senhor Carlo Barbieri Filho tem ingerência na emissora*. 24 nov. 1977. Brasília: Arquivo Nacional. Disponível em: <<http://www.coronelismoeletronico.com.br/wp->

content/uploads/2015/12/06a3279f1cd26765488a8e8bde8447bb.pdf>, acessado em 1 jul. 2014.

SOSENKO, Alexander Nicholas. *Eastern European unity under Russian communism and the Anti-Bolshevik Bloc of Nations: conception, ideology, and conferences*. Urbana-Champaign University of Illinois, 2010. Disponível em:

<https://www.ideals.illinois.edu/bitstream/handle/2142/18314/Sosenko_Alexander.pdf?sequence=1&isAllowed=y>, acessado em 1 jul. 2014.

WIKILEAKS PUBLIC LIBRARY OF US DIPLOMACY. *Visit to Chile of Brazilian Anti-Communist*. 3 set. 1975. Disponível em: <https://wikileaks.org/plusd/cables/1975BRASILO7678_b.html>, acessado em 1 jul. 2014.

Recebido: 4 de fevereiro de 2017

Aprovado: 18 de março de 2017

Como citar:

MACHADO, Rodolfo Costa. Do genocídio nazista à escalada contrarrevolucionária da guerra fria: o Bloco Anti-Bolchevique de Nações (ABN) e a Liga Mundial Anticomunista (WACL.). *Verinotio – Revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas*, Rio das Ostras, v. 23, n. 2, pp. 323-357 ano XII, nov./2017.